

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, 11
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 156
Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 30 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignados tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º ANNO

A QUESTÃO CLERICAL

Tanto existe Deus, que não ha povo nenhum á face da terra que não acredite n'elle. Assim diziam os metaphysicos, os theologos, os idealistas de todas as especies.

A principal, a mais importante das provas classicas da existencia de Deus é a do *consentimento unanime* dos povos. E' o que se ensinava ha pouco e é o que se ensina ainda, talvez, nos lycéis e nos collegios; e o candidato, que sonbesse fazer valer essa prova, obtinha, ordinariamente, uma bola branca no exame do bacharelado. Infelizmente, essa prova perdeu muito do seu valor depois que testemunhos indiscutíveis ensinaram aos metaphysicos estupefactos que muitos homens, que um certo numero de grupos humanos, pelo menos, não só não conhecem nenhum Deus, não só não tem idéa nenhuma de qualquer coisa sobrenatural e exterior ao mundo visivel, mas são, mesmo, absolutamente refractarios a toda a concepção religiosa. Estes testemunhos provam tanto mais quanto são trazidos por crentes, por europetis que tiveram de se render á evidencia depois de uma resistencia teimosa, por missionarios ou viajantes que estavam convencidos, antecipadamente, de que encontrariam, no seu caminho, Deus por toda a parte. (Julien Vinson—*Les Religions Actuelles*,—pags. 2).

Os *australianos*, segundo Schmidt, não tem idéa nenhuma de um ser divino. Não tem, accrescenta o dr. Laing, nenhuma idéa d'uma divindade superior, nenhum objecto de adoração, nenhum idolo, nenhum templo, nenhum sacrificio, coisa nenhuma, enfim, que, sob apparencia religiosa, os possa distinguir do bruto. Descrevendo os aborigenes das ilhas Salomão, Perty, diz tambem, que em muitas d'essas ilhas não ha traços de religião.

Na Africa, o missionario Leighton não encontrou, nos *Mpongwes*, nem religião, nem idolatria. O reverendo Brown diz dos cafores que não tem na sua lingua nenhuma palavra que seja o nome ou que indique a existencia de Deus, d'um Deus qualquer. O mesmo diz o missionario Scultheiss.

Os nativos da montanha do Cabo, interrogados por Smith a respeito da sua religião, responderam que obedeciam aos seus chefes e que não tratavam de mais nada.

Rochon, relativamente aos malgaches, escreve que são incapazes d'uma aspiração futura, e

que nem concebem que exista sobre a terra gente que se preoccupa com o futuro.

Emerson Tennent diz dos vedas de Ceylão que «não tem nenhuma especie de religião, nenhum conhecimento de Deus nem d'uma vida futura, e que não tem nem templos, nem idolos, nem altares, nem rezas». (1) Bailey, que residiu muito tempo entre elles, confirma as palavras de Tennent.

Wallace, falando das tribus selvagens das Molucas e da Nova Guiné, confessa que nunca encontrou entre ellas senão a mais absoluta ignorancia de Deus.

No seu jornal «The Voice of Piety», queixavam-se os missionarios anglicanos, ha alguns annos, de que os indios do Grão-Chaco, na America do Sul, não tivessem nem crença, nem culto, nem mesmo nenhum temor d'um poder sobrenatural. Grantz, na sua *Historia da Groenlandia*, dizia, em 1765, que os esquimós não tinham nem religião, nem ceremonias, nem idolatrias. O primeiro viajante francez, que desembarcou na Florida, escrevia, em 1562: «Não tem nenhum conhecimento de Deus nem de qualquer religião». Segundo Rochas, cirurgião da marinha franceza, os habitantes da Nova Caledonia não tinham nem religião regular, nem culto organizado. Nem templos, nem idolos, nem mythologias. Diversas superstições, apenas.

Everard in Thurm não encontrou deuses nenhuns nos habitantes da Guyana ingleza.

Mas, escreve Vinson, é sobretudo na Africa que os atheus abundam.

Burton, Baker, Livingstone, tantos outros, citam exemplos numerosissimos. Livingstone escreve: «Quando nos pomos de joelhos para rezar a um ser invisivel parecemos-lhes de tal forma ridiculos, de tal forma insensatos, que se põem a rir com um riso sem fim.» Burton nota que os selvagens, quando se lhes pergunta em que se tornaram os seus antepassados, respondem sorrindo: *Wame kwicha* (acabaram).

«Fica, pois, estabelecido, conclhe Vinson (obra já citada, pags. 11) que ha povos, e mesmo povos relativamente civilizados, que não tem nenhuma religião, que não acreditam nem em um Deus, nem n'uma alma immortal, nem n'uma vida futura, nem n'um bem e n'um mal absolutos. Accrescentemos que, fóra d'esses atheus collectivos, ha pelo mundo muitos atheus e materialistas

(1) Quem quizer profundar veja *Les Religions Actuelles*, de Vinson, e *L'Evolution Religieuse*, de Letourneau.

individuaes e consciates. A idéa de Deus está longe de ser espontanea nos habitantes dos campos, na Europa e nos países mais religiosos; é um facto de educação, é uma crença accete sem raciocinio e sem discussão, que vai de par com mil superstições infantis, com os terrores os mais pueris, com costumes muito selvagens, com traços muito accentuados de *fetichismo*.

O *Campeão* diz que o sr. Manuel Christo é empregado na *fabrica de moagens*.

E o proprietario quem é? Se o pasquim o quizesse dizer...

Mijaretas todos

O sr. Jayme de Magalhães Lima requereu policia correccional contra os artigos que, sob a epigraphe de *Pulhas*, foram publicados, ha seis mezes, nos numeros 932, 933 e 934 do *Povo de Aveiro*. Em virtude d'isso foi hontem intimado o nosso editor para prestar declarações na proxima segunda-feira.

As declarações ficam feitas desde já.

O auctor, não só d'esses artigos, como de todos ou quasi todos aquelles em que se haja chamado *pulha*, ou coisa equivalente, ao sr. Jayme de Magalhães Lima, é o sr. capitão Homem Christo, que d'elles assumiu sempre, assumê e assumirá a responsabilidade para todos os efeitos.

O sr. Jayme de Magalhães Lima prometteu chicote e enguliu chicote. O sr. Jayme de Magalhães Lima enguliu todas as cartas que o sr. Homem Christo lhe escreveu. O sr. Jayme de Magalhães Lima enguliu o duelo. O sr. Jayme de Magalhães Lima ha de engulir, tambem, os artigos contra os quaes vem, agora, requerer procedimento judicial.

Faltava a execução completa do sr. Jayme de Magalhães Lima. Essa ha de ser feita em pleno tribunal.

Seis mezes, notem, levou Jayme de Magalhães Lima a *chocar* a sua *dignidade offendida*. Nunca se viu um homem levar mais tempo a *chocar* affrontas que uma gallinha a *chocar* ovos. Pois chocando uma gallinha os ovos em tres semanas, o sr. Jayme de Magalhães Lima levou seis mezes, approximadamente, ou cento e sessenta dias, dezesseis horas, dez minutos e quatro segundos, contados com todo o rigor, a *chocar* a sua *dignidade offendida*.

O cavalheiresco senhor de Magalhães Lima!

O cavalheiresco senhor, que, tanto fez, que acabou por ser arremessado ao *charco* por todos os *mijaretas* que o cercam!

Sim. Ao *charco*! E lá fica de vez.

Ainda bem.

A policia correccional é um desforço, como outro qualquer. Mas o desforço não se admite senão quando é tirado immediatamente á affronta. Os chamados codigos de duello não permitem que se peça desagravo quando tem decorrido mais de vinte e quatro horas depois do agravo. Assim o entendem os codigos de duello e assim o entende o bom senso universal.

O sr. Jayme de Magalhães Lima soffreu, nos artigos contra os quaes vem agora requerer policia correccional, a maior, a mais extraordinaria exautoração que um homem pôde soffrer. O desagravo imposto não era, de modo algum, a policia correccional. Ou era coisa mais seria, ou não era coisa nenhuma. Mas, quando fosse a policia correccional, havia de ser immediata. Um homem não fica a *chocar* agravos como uma gallinha fica a *chocar* ovos. Um homem, que é um homem. Um homem, digno de tal nome. Sobre este ponto é que não pôde haver duas opiniões.

Mas o sr. Jayme de Magalhães Lima, que quer ser homem do mundo, de salão, homem *fino e educado*, é que não o entendeu assim e procede peor do que procederia o *Tinhoso*. Não é a *dignidade offendida* que obriga o sr. Jayme de Magalhães Lima a proceder. Vê-se que não é. É a especulação politica. O sr. Jayme de Magalhães Lima chama o *Povo de Aveiro* aos tribunaes, não por espirito de dignidade, mas por espirito de especulação politica. Collocou-se a par do *Mijareta*, do *Tinhoso*, do *Cabecinha* e do *Reles*. E' o mesmo homem! E' a mesma coisa!

O cavalheiresco senhor de Magalhães Lima!

O *fidalguesco* morgado do Carmo!

O *Povo de Aveiro* incommoda a politica reaccionaria que o sr. Lima representa. O sr. Lima, por isso, e os seus amigos, veemnos ameaçando, com policias correccionaes, de longa data. O fim era claro. Era intimidar-nos. Era fazer-nos mudar de rumo, por efeito da intimidação.

Não o conseguindo, põe-se a ameaça em execução. Quando? Precisamente na hora em que o *Povo de Aveiro* flagella, de novo, vigorosamente os francaceos.

O que move, pois, o sr. Jayme de Magalhães Lima não é a *dignidade*, é a especulação politica!

Mas um homem que se preza,

nunca acobertou a especulação com a honra.

Nunca faz isso um homem de sociedade.

Ha muita maneira de servir a especulação politica. Mas, por mais baixo que isto tenha descido, nunca um chefe de grupo ou de partido desceu tanto.

Quando isso se quer fazer, encomenda-se a um *Tinhoso* ou a um *Cabecinha*. Nunca o faz directamente aquelle que tem cotação ou representação social.

Accresce, como já dissémos, a circumstancia dos artigos criminaes representarem, com documentos indiscutíveis, a mais completa exautoração de um homem, que se pôde imaginar.

Todo o interesse moral do sr. Jayme de Magalhães Lima seria acobertar-se atraz do *desprezo*, arma que, muitas vezes, se emprega com exito. Toda a sua vantagem, toda a sua conveniencia seria que taes artigos se não liquidassem n'um tribunal.

Não o quiz?

Pois bem. Ha de engulir-lós. Ha de soffrer as honras de exautoração. Até aqui estava exautorado sem *sessão solemne*. Agora, ha de soffrer a *sessão solemne* official e publica.

E, se até aqui, estava provado que o sr. Jayme de Magalhães Lima não passava de um *paspalhão*, fica provado, para o futuro, que não passa de um refinado imbecil.

Moral e intellectualmente não se eleva dois dedos acima do *Tinhoso*, do *Cabecinha*, do *Mijareta* e quejandos.

Nós já o sabemos.

Mas fica-o sabendo, agora, todo o mundo.

Mijaretas todos!

De resto, n'essa grande vergonha do juiz Pinto ser empregado, contra nós, como instrumento de vingança e de especulação politica, nem queremos falar. Falaremos n'outra occasião.

Fiquem sabendo, apenas, desde que se nunca nos intimidaram já, intimidam-nos, hoje, menos do que nunca.

O auctor dos artigos, contra os quaes o sr. Jayme de Magalhães Lima requer procedimento judicial, é o sr. Homem Christo. D'elles toma a responsabilidade, para, em pleno tribunal, os estampar na cara do *senhoresco* Lima, dando ali honras solennes á exautoração completa, formal, definitiva d'aquelle *cavalheiro*.

Ha de engulir-lós, sr. Lima! Ha de engulir lós, como tem engulido tudo.

"Povo de Aveiro."
Em Lisboa, na tabacaria Monaco.
Em Aveiro, vende-se na Pastelaria Cruz.

Cartas d'Algueres

1 DE AGOSTO.

Terminamos a ultima carta dizen- do que muito mais escrevia Compayré e que muito mais tinhamos nós que dizer.

Vejamos, realmente, algumas on- tras observações judiciosas do illustre auctor da *Histoire Critique des Doctrines de l'Éducation en France*.

«Mas deixemos os factos (pags. 399) e procuremos raciocinar: o raciocinio ainda confirmará a verdade que nos é cara. Basta, para nos convencermos, considerar as relações intimas que unem todas as nossas faculdades. A instrução, diz-se, não se dirige senão á intelligencia; mas a intelligencia não pôde desenvolver-se sem que, por um *contre coup* necessario, haja tambem progresso e desenvolvimento em toda a alma...»

O homem, que fôr polido pela instrução, desembaraçar-se-ha dos instinctos feroces e selvagens que acompanham necessariamente a ignorancia. Os seus costumes adoçar-se-hão, apurar-se-hão, tornam-se mais abertos, mais accessivel aos grandes sentimentos, e, particularmente, ao sentimento do patriotismo, ao sentimento do respeito da lei, ao sentimento religioso, a estas emoções que, repousando sobre noções abstractas, não podem manifestar-se senão em intelligencias esclarecidas. O homem instruido inclinar-se-ha, mais que o ignorante, perante as grandes idéas de Deus, da lei, da patria. Além d'isso, sem contar com a geração dos sentimentos que ainda ligada aos progressos da intelligencia, o homem instruido, por isso mesmo que ha de ser mais intelligente ha de ser mais moral. Terá uma idéa mais nitida do bem e do mal. E' um erro, aliás muito espalhado, acreditar que a consciencia moral é a mesma em todos os homens, que não é susceptivel de aperfeiçoamento, que nós a recebemos, da natureza, feita, promptinha, completa, como succede com o nariz ou com um olho. Não é assim. Só com custo, pela reflexão e pelo estudo, o homem se eleva á noção do bem e do dever. A instrução, pois, vai esclarecer a consciencia e, por consequente, fortificar o homem contra as más inclinações.

Mas, dir-se-ha, a consciencia, mesmo desenvolvida, não é sempre uma salvaguarda contra o mal. E' o interesse que guia os homens. Sem duvida. Mas como, senão pela instrução, hão de aprender os homens que devem substituir, pelo interesse bem entendido, que os aproxima singularmente da virtude, o interesse grosseiro, brutal, tal qual o representa a paixão ignorante e a cobiça irreflectiva? O homem instruido comprehendirá que o seu interesse é praticar a virtude: será mais sensivel, que o ignorante, á opinião publica. Concluamos, portanto, que, de todas as maneiras e sob todos os pontos de vista, o homem instruido tem mais probabilidades de se tornar e de permanecer um homem honesto.

Teremos nós preciso de dizer quanto a instrução é util sob o ponto de vista economico, isto é, em relação á riqueza publica? Perguntamos ás grandes nações industriais, como a Inglaterra e a America, o segredo do seu successo na industria. E' em grande parte ás suas escolas primarias que o deveu, a essas escolas que, dando aos alumnos os conhecimentos elementares, lhes fornecem tambem os meios de fazer rapidos progressos na apprendizagem dos officios.

Emfim, quem quizer responder aos adversarios da instrução tem ainda um outro ponto de vista a examinar: a questão politica. Um homem d'Estado inglez, o sr. Low, alludindo ao movimento democratico que se produz até na aristocratica Inglaterra, dizia recentemente: «E' tempo dos nossos futuros senhores saberem ler e escrever.» Em França, o epitheto, só por si, é muito e o pensamento, absolutamente verdadeiro. E' preciso que os senhores do suffragio saibam ler e escrever. Tem-se dado grandes direitos ao individuo chamando-o a contribuir com o seu

voto para os destinos do paiz: é preciso que esses direitos sejam justificados com a instrução individual. Querer a liberdade politica, e decretá-la, sem lhe dar o contrapeso da instrução, é, por assim dizer, arremessar para a frente, no espaço livre, machinas a vapor, sem haver, para as dirigir, apparatus reguladores. Voltaire dizia: «Quanto mais os homens forem esclarecidos mais elles serão livres.» Já que á liberdade tomou a deanteira invertamos os termos da phrase de Voltaire: «Quanto mais os homens forem livres, mais esclarecidos devem ser.»

Afastemos, pois, esses preconceitos, indignos do nosso tempo, que persistem em considerar a instrução primaria como inutil, como perigosa mesmo para a prosperidade publica.

E' de justiga concordar que o sr. J. C., articulista do Norte, leva aqui uma sova mestra. E' o sr. Gabriel Compayré quem lha dá, numa obra premiada, em França, pela Academia das Sciencias Moraes e Politicas e pela Academia Franceza. A *Histoire Critique de l'Éducation en France* obteve o premio Bordin e o premio Monthyon. E' bem concedidos, diga-se a verdade. Dizemo-lo com tanta maior isenção quanto é certo estarmos longe, em materia social e religiosa, das opiniões do auctor. Mas bem concedidos porque, realmente, a obra é notavel.

Compayré não diz novidades. Mas como o sr. J. C. poderá desdenhar da nossa auctoridade, e desdenha com certeza, arrumámos-lhe com esse chavão para o lombo. E a sova é impessoal, é dada de *luva branca*, como o articulista do Norte pretende, tão impessoal que Compayré nem sabe que existe o sr. J. C.

De resto, bastava raciocinar, como diz Compayré, para que a situação do articulista do Norte fosse deploravel. Um homem culto, um republicano, a julgar indifferente, senão pernicioso, a questão do analfabetismo!

Não lembra ao diabo.

Compayré expõe os principaes argumentos, aquelles que são irrespondevéis. A instrução diminua o crime e o delicto. O capitão Homem Christa notou, e assim o affirmam, finalmente, que as infracções disciplinares, na sua companhia, tinham diminuido, notavelmente, com a instrução dos soldados. E' comprehendido-se porque. Não só o estado moral do soldado se engrandece com ella, como elle pôde ler os extractos dos regulamentos affixados na caserna. Muitas das infracções militares resultam da ignorancia do soldado. A lei manda, por isso, que sejam affixados nas casernas, em quadros especiaes, as principaes disposições regulamentares. Mas de que serve isso, se o soldado não sabe ler, e se a leitura, feita pelos superiores, é insufficiente, porque ella não basta para que o subordinado fixe na memoria a parte essencial da legislação?

A instrução, pois, diminua o crime e o delicto, não só porque melhora a consciencia moral mas porque dá ao individuo conhecimentos das leis. E quando não diminuisse tambem não augmentava. Não havia, portanto, motivo ainda para a condemnar.

Fouillé, que não pertence ao numero dos *fanáticos* da instrução, affirma, contudo, a acção salutar que ella tem sobre a criminalidade. Abanel, no seu *Étude statistique sur les enfants traduits en justice* conclue que a escola é o grande meio de preservação da creança. (*La France au point de vue morale*, pags. 162).

O que se diz a respeito da criminalidade com mais razão se pôde dizer sobre os outros pontos tratados por Compayré.

O sr. J. C., em discussão com o *Diario da Tarde*, vem com a historia da queda da Polonia. Mas cabiu á Polonia por ter instrução? Só assim a referencia do sr. J. C. podia ter algum valor.

Cabiu por ter instrução?

Não. Mas talvez cabisse pelo motivo contrario. Quinet, e outros, attribuem a queda da Polonia á influencia do catholicismo. Ora o catholicismo foi sempre um adversario implacavel da instrução.

Não assim o protestantismo. O protestantismo não tem competencia

para o ensino superior, como, aliás, a não tem religião alguma. E' convenientissimo subtrahir tambem o ensino primario á direcção religiosa. A escola laica. Assim se faz nos Estados-Unidos da America do Norte, que dá lições n'esse ponto. Ali, a religião está excluida da escola. E para o ensino religioso ha outra escola especial, chamada a *escola do domingo*.

Nós somos partidarios abertos, e declarados, da secularisação da escola. São esses os principios da revolução. E são os bons. No entanto, o protestantismo não incalculaveis serviços á instrução primaria, e d'ahi, só d'ahi, a superioridade das nações protestantes sobre as nações catholicas.

D'ahi, só d'ahi. Do livre exame, do alargamento da instrução, da emancipação do espirito, da sciencia, viera os progressos extraordinarios adquiridos pelas nações protestantes sobre as nações catholicas. Por isso Compayré tem razão quando sustenta que a instrução é não só uma condição de riqueza como uma condição de liberdade.

Escrevia Michelet: «A escola foi a primeira e a maior palavra da Reforma, que escreveu no ato da sua revolução este dever essencial da auctoridade publica: *Ensino universal, escolas de rapazes e de raparigas, escolas livres e gratuitas, onde todos se juntarão, ricos e pobres... O que quer dizer paizes protestantes? Quer dizer paizes onde se sabe ler, onde a religião, toda inteira, assenta na leitura.*» (A. Coquerel fils:—*Pourquoi la France n'est elle pas protestante?*)

«A edificação do templo e a da escola foram quasi simultaneas. No pensamento dos fundadores do protestantismo, a instrução e a cultura fazem, por assim dizer, parte integrante da religião, pois que se tornam a sua iniciação indispensavel. Instruir-se, isto é nascer para a vida mental, é para elles o indispensavel preludio da vida religiosa. A obra do ensino afigura-se-lhes quasi santa. Segundo a expressão *frappante* de um contemporaneo: «a escola de cada aldeia tornou-se o vestibulo do templo.»

A incomparavel expansão mental, que devia sahir d'essa regeneração da escola, viu-se no entanto, desapparecer. Para ler materialmente o texto, era preciso, antes de tudo, saber ler: d'ahi a resurreição do ensino primario. Inqueritos minuciosos demonstram que, em muitas cidades, a instrução popular, desprezada ou abandonada antes da Reforma, se levanta com ella, se desenvolve, se organisa. Obra immensa, a primeira das obras sociaes, cujo alcance é superfluo sobblinuar. (Léon Bazalgette—*A question de l'infiriorité française*—Paris, 1900, pags. 86).

Não são os povos latinos que decaem, são os povos catholicos. Grande verdade, cada vez mais demonstrada.

A Polonia não cabiu por ter instrução. Cabiu por falta d'ella.

O articulista do Norte é um homem erudito e de talento. Mas, com o seu desdém pela instrução, com a sua desfeza quasi descarada do analfabetismo, deu uma *raia* monumental.

Mas d'aquellas *raias* que não se desculpam. Um homem de tal valor tinha obrigação de pesar as suas palavras, o dever imperioso de não fazer causa commum com os reaccionarios, porque se estes aproveita a ignorancia e se estes a defendem, afinal.

Voltaremos ao assumpto.

A. B. Ficou approvado no exame de admissão aos lycées o filho do nosso amigo Manuel Rodrigues Branco, a quem damos parabens.

MALANDRINS

Continuam os malandris com lagrimas de crocodillo. Que lamentam os acontecimentos! Que censuram as barbaridades!

Não haja duvidas. Foram os malandris que incitaram os labregos a apedregar a casa do presidente da camara, e de todos os mais vereadores. Foram os malandris que incitaram os labregos a investir com os estabelecimentos commerciaes.

Foram elles. E esses malandris pertencem á sucia franca- cea.

Ora eis tudo.

As auctoridades, que procederam com a maior fraqueza desde o principio, que sejam fracas ou condescendentes até ao fim, se quizerem. Que finjam deixar-se enganar, se o entendem. Mas fiquemos na certeza de que só se engana quem é tolo, ou quem se quer fingir tolo.

Agora até dizem que quem incitou os labregos foram os proprios progressistas! Que o sr. Albano de Mello quer acalmagões! Etc.

Não acreditamos que o sr. Albano de Mello ande com *aguas mornas*, porque, se andasse, elle as pagaria. Lembre-se do que lhe fizeram nas penultimas eleições legislativas. Não lhes deem para baixo e depois queixem-se.

Quanto aos intrigantes progressistas, não sabemos se os ha. Nada temos com isso. Mas, se os ha, estamos na mesma. Ponham de parte o sr. Gustavo e vejamos quem vão buscar para o substituir.

Que, repetimos, não acreditamos nos boatos dos franceceos. E' a *intrigalhada* do costume.

Dêem-lhes para baixo, dêem-lhes para baixo!

Não acreditamos, repetimos, em boatos falsos. Mas a verdade é que nem o sr. Albano de Mello, nem ninguém, conhece esta corja como nós a conhecemos.

Se a querem desfeita, é dar-lhes para baixo.

Se a poupam, teem-nos sempre pela frente com as garotices do costume.

Nós é que os conhecemos!

Escola Districtal d'Aveiro

São do *Dia*, de 24 do mez findo, as linhas que vão ler-se a respeito do sr. padre Marques de Castilho, illustrado director da Escola Districtal, e que são de toda a justiça:

Chamado a Lisbon conferenciou hoje com o sr. director geral de instrução publica e director da escola districtal d'Aveiro sr. Marques de Castilho.

Este honesto e digno funcionario recebeu do seu chefe inequivocas provas de estima e consideração, e foi encarregado por elle d'uma missão que muito o honra. Apraz-nos registrar aqui este facto, pois elle mostra só por si quanto é apreciado o caracter d'este nosso amigo que tem prestado á escola a seu cargo relevantissimos serviços de direcção, prudencia e trabalho, que fazem d'ella uma das primeiras no genero. Dizem n'ó informações officiaes insuspeitas, e attestam-n'ó todas as pessoas que tem visitado aquelle bellissimo estabelecimento.

Sendo o primeiro a entrar na Escola é o ultimo a sahir d'ella, ha quatro annos que vive só para ella, sacrificando por vezes os seus interesses e commodidades pessoais, regendo cadeiras a que não é obrigado, substituindo sem remuneração os professores nos seus impedimentos eventuaes, fazendo sózinho todo o serviço de secretaria, publicando Relatórios, mantendo a disciplina sem violencias nem fraquezas.

O sr. director geral de instrução publica acaba de dar-lhe a consagração publica e official dos seus serviços e da sua dedicação.

Chicas, Cabecinhas, Tinhosos e Mijaretas

O correspondente do *Jornal de Noticias* diz que se chegou a pensar na sua prisão.

Pois se o teem prendido não tinham feito mais que praticar um acto de justiça.

Procurem bem e verão como o *dancarino* foi um dos maiores instigadores dos labregos.

Diz mais o correspondente que o sr. Albano de Mello *pretende conseguir clemencia regia para os incriminados nos acontecimentos*.

Então já, já? Tão depressa? E' amnistia de mais!

Que o sr. Albano de Mello, continua, está convencido de que ninguém excitou os labregos.

Elle e todo o mundo.

Não é só elle!

Que, conclue, não pede nada ao sr. Albano de Mello nem tenciona pedir.

Muito bem. Muito bem. Viva o Catão!

Mas já pediu. Andou de chapéo na mão atraz do sr. Manuel Homem de Mello a pedir-lhe, em Lisboa, um lugar de notario.

O sr. Manuel Homem de Mello recommendou-o ao sr. Alpoim.

O sr. Alpoim prometeu servi-lo. Mas eis que cahe o ministerio progressista e o *dancarino*, encontrando dias depois o sr. Homem de Mello, passa por elle sem, ao menos, o chapéo lhe tirar.

O *dancarinosinho*!

Todo o mundo conhece a abnegação d'este menino e ninguém tem maiores provas d'ella do que nós.

De resto, sem nos importarmos com as baboseiras do insignificante, que iremos chibatando como de costume, não pelo que elle vale mas pelo que representa, sempre diremos que o *Povo de Aveiro* não affirmou, como todos sabem, que a camara transacta elevasse o imposto do piso. Dissémos que tinha sido auctorizada a isso, o que faz sua differença.

O *dancarino* não gostou do ultimo supplemento do *Povo de Aveiro*, nem da attitude tomada por este jornal. Faz muito bem. Multissimo bem. Realmente, era singular que gostasse. Não temos pena nenhuma de que o *dancarino* não goste. Não gosta? Pois tem razão.

De resto, o pobre homem perde o tempo se julga que nos faz mossa chamando ao *Povo de Aveiro* órgão da camara e republicano do sr. Albano de Mello.

Deus te illumine, parvo alegre! O *Povo de Aveiro* tem as suas tradições bem firmadas para que possam ser aluidas pelas baboseiras de qualquer *Mijareta*.

Tanto nos importa que nos chamem republicano do sr. Albano de Mello, como de qualquer outro. Somos de nós, só de nós, menino, sempre o fomos e sempre o havemos de ser. Pois você, não vê, seu idiota, que é isso, precisamente, o que nos distingue de você e de todos os idiotas como você?

Você vai a reboque de qualquer, porque, sendo um misero idiota, não tem quem lhe dê a menor consideração nem um osso, se deitar fóra as escovinhas da graxa. O mais que faz é engraxar hoje a um e amanhã a outro, consoante soprarem os ventos. Mas isso é peor de que se as engraxasse sempre ao mesmo.

Nós não precisamos, nem nunca precisamos, de as engraxar a ninguém.

Defendemos abertamente a camara municipal porque ella representa a causa da liberdade, e porque, além d'isso, zela os interesses municipaes como ainda nenhuma os zela. Preferimos o grupo do sr. Albano de Mello porque o grupo opposto, além de representar a reacção, é constituído pela canalha mais ascorosa, em geral, que tem apparecido em Aveiro.

Defensores intransigentes dos principios, o nosso lugar é ao la-

do d'elles. Se estivesse na nossa mão fazer a republica, fa-la-iamos amanhã. Não estando, sempre que as circunstancias nos derem alguma influencia na politica local estaremos do lado d'aquelles que derem maiores garantias a esses principios.

E a nossa conducta inabalavel. Ora representando o grupo de Jayme de Magalhães Lima a reacção, sendo constituido, em geral, por uma canalha hedionda, sendo muito mais prejudicial aos interesses da terra, ao mesmo tempo que é prejudicial aos interesses liberaes, que o grupo oposto, ao lado d'este estaremos, sempre, e sempre.

Isto é, ha excepções. Deixaremos de estar ao lado d'elle quando elle fizer a politica reaccionaria do bando opposto. Mas isso affigura-se nos impossivel.

Mais reaccionario que o bando de Jayme não tornará outro a apparecer em Aveiro.

E, posto isto, dançarino que dance.

Póde dançar e cantar.
Que cante tambem!

Escola Industrial
Fernando Caldeira

Foram approvados em exame de passagem do 1.º para 2.º anno de desenho elementar:

Antonio Ferreira da Costa, Antonio Pereira Campos, Aristides Ferreira da Cruz, David dos Reis, Domingos Lopes Raposo, Eduardo Ferreira Ançã, Ernesto Ferreira, distincto; João Pedro de Lemos, distincto; Justino d'Almeida Ribeiro, Manuel Fernandes Mathias, Manuel Sarabando, Orlando Nunes dos Santos.

Fizeram exame final do 2.º anno elementar:

Armenio Duarte Carvalho, Eduardo Valente da Costa, Francisco Ferreira da Cruz, Francisco Ferreira, José Pinto, Leandro de Sousa Ribeiro, Manuel Marques de Carvalho Junior, Miguel da Rocha, approvados.

1.º para 2.º anno de desenho ornamental:

Abel Domingues d'Andrade, Antonio de Freitas, Berardo João Custodio, distincto; Carlos Bingre; Cruzza Sá, distincto; Emilio Candido da Silva, Fernando Placido, João Maria Ferreira da Motta; Joaquim d'Oliveira Gamellas, distincto; José Antonio das Neves, Marcos de Brito Namorado, Mario Augusto de Castro, Silverio Nunes da Silva, Sebastião Brandão de Campos, approvados.

2.º para 3.º anno de desenho ornamental:

Francisco de Moraes Gamellas, José dos Santos, João Baptista Duarte Moraes, João Gonçalves, Violeta da Conceição Louzada, approvados.

EXAMES FINAES

Completaram o curso de desenho profissional os seguintes alumnos:

Antonio Valente da Costa, Angelo da Rosa Lima, Julio d'Almeida Borges, approvados; e Antonio Augusto da Silva, distincto com 19 valores; Carlos Rodrigues da Paula, distincto com 16 valores; Idalina da Conceição Correia, distincta com 15 valores; João de Moraes Gamellas, distincto com 15 valores; Jacintho Maria da Silva, distincto com 16 valores.

Cartas de Nenhures

Escrevem-nos de longes terras:

O nosso juiz não será Dr. Moliço, como o Fernandes, mas é talvez Dr. Esterco, já nas suas produções juridicas, já na consciencia com que administra justiça n'este burgo, digno de melhor sorte.

O integro juiz que aqui temos, o qual, sob o disfarce de caçador de hy-popotamos, levou a cabo a missão melindrosa e arriscada tendente á occupação effectiva do Zaire.

Mas em A. é que não póde caçar faes bichos. Não lhe contando ainda o pouco expediente que elle dá ao serviço; a exigencia do dinheiro para o seu mais insignificante despacho; o que torna ainda mais immoral a nossa justiça; o facto de não rubri-

car e inutilisar um sello sem que a parte lhe dê um vintem, não passando recibo, o que faz com que o contador conta afinal novamente e elle recebe; exigencia d'emolumentos que não tem; desprezo absoluto pelos interesses das partes, de quem diz não ser procurador; sentenças illegaes e immoraes que dá e de que eu lhe mando um exemplo n'esse folheto; consentir que um advogado, seu intimo, e a despeito do protesto do Ministerio Publico, defenda um réo quando era tambem testemunha de accusa, ao contra o mesmo réo; etc, etc, etc.—Tem afinal já elementos para apreciar o homem que aqui administra justiça e que é preciso vergalhar com mão de mestre.

Quem quizer saber quem é o auctor d'esta carta, se o não tiver adivinhado, venha a esta redacção sabe-lo. Mostra-se a carta a quem a quizer ler.

O auctor é um menino muito pequenino, muito pequenino, muito pequenino, tão pequenino que ou é prodigio ou é monstrosinho.

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte
5,21 m., correio, 1.ª e 2.ª classe.
9,00 m., mixto, todas as classes.
4,47 t., tramway, viado d'Alfarellos.
8,11 t., omnibus todas as classes.
9,49 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

3,55 da manhã.
10,15 da manhã.

De Aveiro para o Sul

6,48 m., omnibus, todas as classes.
2,12 t., tramway, até Alfarellos.
5,34 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.
10,30 t., correio, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

Chegada a Aveiro, terminus.
9,49 m.
9,9 t.

A QUESTAO LOCAL

Reproduzimos o supplemento de quarta-feira ultima, e que não chegou ao conhecimento de todos os nossos assignantes.

O Povo de Aveiro teve sempre a missão especial de esclarecer a opinião publica em todas as grandes questões locais. Mais do que uma vez temos encontrado contra nós a maioria da opinião desvairada, e sempre, ou quasi sempre, temos conseguido esclarece-la a ponto de ella vir a aceitar a verdade e a razão. Ainda, ultimamente, na questão da cavallaria, houve, no primeiro instante, uma gritaria unanime contra nós. D'ahi a pouco estava d'accordo comnosco a grande maioria da cidade em que, realmente, se tinha tudo a ganhar com a troca da cavallaria pela infantaria.

Quando foi da collocação da estatua, tivemos de sustentar uma verdadeira campanha para evitar que uma corja de burros praticassem uma verdadeira monstruosidade. A cidade inteira apoiava-os. Nós vencemos, e, hoje, não ha ninguem que não concorde na tolice que se intentava levar por deante.

Na questão do lycen, fomos nós que evitamos a inutilisação d'aquelle edificio. Fomos nós que pozemos ponto ás tolices sem par commettidas por certo engenheiro, que passava, n'esta terra, por grande luminar. Fomos nós que verberamos os erros enormes, sem falar nos roubos e nos desperdicios, commettidos na construcção do quartel de cavallaria, que ficou completamente estragado, apezar de todos os asnos locais o apregoarem como uma maravilha. Ainda ha dias, um distincto engenheiro militar, falando com o auctor d'estas linhas, apontava os grandes erros commettidos na construcção d'aquelle quartel, dando-se a coincidência curiosa de serem, precisamente,

os mesmos que o Povo de Aveiro referiu e verberava ha tantos annos.

Emfim, na propria questão das irmãs da caridade a maioria da cidade estava por ellas, ao principio.

Vamos agora á ultima pendencia.

Os incidentes lamentaveis, que, ha poucos dias, se deram na cidade, resultam apenas da maneira desgraçada por que a questão do mercado foi dirigida desde o principio. E quem esteve sempre na brecha, desde os primeiros instantes, indicando ao povo o mau caminho que essa questão seguia? Fomos nós e só nós. Então, estava suspensa a publicação d'este semanario. Mas, n'outro periodico da localidade, foi o mesmo que escreve estas linhas quem, energicamente, combateu os erros que se estavam commettendo. E, então, ninguem nós quiz ouvir!

O mercado, que devia estar, desde o principio, na posse da camara municipal, só serviu para metter nos pontos de réis no bolso de dois ou tres especuladores, para levantar obstaculos e attrictos de toda a ordem. Desde o principio que clamámos contra a pouca vergonha. Desde o principio que vinhamos dizendo que o mercado era caro, insufficiente para o movimento local, feito nas peores condições. Os patriotas não ouviam ou berravam que não. Que o mercado era um primor, que chegava e crescia para as transacções da occasião, que era obra patriótica d'alto lá com ella.

Agora ahi teem.

Antes do novo mercado, pagavam os vendedores dez réis de piso. Esses dez réis, multiplicados, davam á camara municipal, annualmente, uma boa quantia, com que ella acudia a despezas varias. Os generos vendiam-se em plena praça publica. Não tinha a camara que attender a despezas de mercados. Veio o mercado, os dez réis de piso foram para a companhia, e a camara ficou sem essa receita importante.

Mas os patriotas clamam por obras e melhoramentos locais. Aveiro, collocada no percurso da linha ferrea norte e léste, central, servida por varios comboios diarios, cheia de bellezas naturaes, tem direito a esperar a visita de numerosos forasteiros. Mas os forasteiros não gostam de encontrar porcaftias. Mas os forasteiros ficam pessimamente impressionados com o estado de abandono e desleixo a que a cidade está entregue. Mas essas impressões, transmittidas de bocca em bocca, diminuem a concorrência á cidade. Mas tudo quanto importar diminuição de concorrência importa diminuição de dinheiro. Quanto mais gente vier a Aveiro, mais dinheiro cá fica, mais ganham todos, desde o rico até ao pobre. Os patriotas, pois, teem razão, em pedir á camara que concerte as calçadas, que limpe as ruas, que tenha a cidade, senão embellezada e acçada, pelo menos decente.

Mas onde querem os patriotas que a camara vá buscar dinheiro para isso, se os patriotas embaraçam a sua acção constantemente, se os patriotas não impedem poucas vergonhas como as do mercado, se os patriotas são uns asnos, para dizermos tudo?

Parte do augmento do imposto do piso, estabelecido agora pela camara municipal, era precisamente para augmentar o mercado, que não chega. Não era o que nós diziamos? Quem, senão nós, affirmava energicamente que o mercado era uma boriacheira, que não chegava para o movimento actual quanto mais para o movimento futuro? Um mercado, escreviamos nós, deve ser construido, sempre, como calculo provavel do movimento futuro e nunca restringido ao movimento na epocha da construcção. Ora o mercado do Cojo, concluíamos, nem serve para o movimento actual, quanto mais para o mo-

vimento que a cidade ha de ter d'aqui a vinte annos.

E o que diziam a isto os patriotas? Riam-se, com o riso alvar de todos os brutos.

Agora ahi teem.

Um mercado feito hontem já não chega. Não chegou no proprio dia em que se abriu ao publico!

São assim todas as grandes obras da terra. São esses os productos de todos os benemeritos locais. São esses todos os titulos com que os adornam para entrarem na immortalidade.

Corja de burros. E' que nunca os vimos eguaes!

A companhia não podia abrir o mercado ao publico sem elle ser vistoriado. Era uma das condições do contracto. Pois quando a camara transacta quiz pôr essa clausula em vigor, houve uma revolta popular, como agora.

Hão de concordar que só em Aveiro! A vistoria de qualquer obra, feita por umacompanhia, é sempre uma garantia para o publico. Pois o celebre publico de Aveiro revoltou-se contra a camara municipal, por ella não querer admitir que o mercado fosse aberto, e entrasse em transacções, sem a camara averiguar se elle estava nas condições a que a companhia se tinha obrigado!

Isto, a quem não fór de Aveiro, affigura-se inacreditavel. Pois é verdadeiro, e bem verdadeiro, para infelicidade de todos aquelles que teem de sofrer o contacto d'estes brutos.

Outra clausula do contracto era que a camara podesse resgatar o mercado. Tentou isso a camara passada, sem o conseguir. Veio esta e concluiu as negociações. Mas já a camara transacta tinha sido auctorisada, superiormente, a augmentar o imposto do piso e a contrahir um emprestimo de 25:000\$000 para a hypothese do resgate!

A camara actual resgatou o mercado, obrigando-se a tomar todos os direitos e encargos da Companhia, a pagar o juro annual de quatro por cento ás acções da companhia na importancia de 20:000\$000, e a amortisar essas acções pelo seu valor nominal no praso de 30 annos. Foi, portanto, um emprestimo que a camara realisou a quatro e meio por cento. Do mal, o menos. Desde que se fez o mercado nas lamentaveis condições que nós sempre censurámos, desde que se não poude impedir essa asneira, como, pela nossa parte, pretendiamos, o resgate era conveniente e não podia ser feito em melhores condições do que aquellas em que o fez a camara actual, pelo que merece todos os louvores.

O augmento de receita, que o imposto do piso traria á camara, não poderia ir além de 500 a 600:000 réis annuaes. A que destinava a camara esse rendimento? Trezentos e cincoenta mil réis annuaes eram para amortisação das acções da companhia. E o resto? O resto era para remediar a asneira que os patriotas applaudiram. Para fazer face aos encargos d'um novo emprestimo destinado a alargar o novo mercado, novo e já velho, o novo mercado que nunca chegou para accommodar os vendedores e o publico. Era para isso e para a construcção de um mercado coberto na Praça do Peixe. Porque, afinal, o novo mercado foi em tudo uma cantiga. Não chegou para os vendedores de pão, hortaliça, fructas, etc, e os vendedores de peixe, esses ficaram como dantes quartel general em Abrantes.

Era para isso. Mas, dizem os patriotas, o imposto era vexatorio e excessivo. Era, com a interpretação que lhe davam os biltres que fazem torpe especulação partidaria de tudo. O regulamento foi extrahido dos regulamentos dos mercados de Lisboa, Porto, Figueira e Castello Branco, sendo modificadas favoravelmente para os vendedores de Aveiro as disposições d'aquelles

regulamentos. Pois é vexatorio e iniquo em Aveiro aquillo que o não é em Lisboa, Porto, Figueira e Castello Branco? Já chegámos a essas fidalguias?

As taxas do regulamento de Aveiro são inferiores ás dos regulamentos referidos.

A base fundamental do regulamento de Aveiro é o augmento de 10 réis em cada metro quadrado de terreno. A isso se reduz quasi tudo. Mas, além d'isso, paga-se, mesmo dentro do metro quadrado de terreno, mais 10 réis por cada cabrito, cordeiro, etc, mais 5 réis por cada gallinha, pato, etc, mais 20 réis por cada canastra, etc. Assim argumentavam os especuladores, e o regulamento não era tão claro que não permitisse essa especulação. Mas pedissem os vendedores explicações á camara, que de tal modo procede quem tem seriedade e boas intenções.

O vendedor pagava 20 réis por cada metro quadrado de terreno, e, dentro d'elle, podia ter os productos e as canastras que quizesse, com a unica condição, aliás indispensavel, convenientissima para o consumidor, de não as accumular umas em cima das outras até estragar os generos expostos á venda.

Quem não tomasse um metro quadrado de terreno, e quizesse vender isoladamente, é que pagava pelos generos o que constava da tabella respectiva.

Isto é claro como agua. Quem fosse á praça vender só uma gallinha, ou um pato, ou um coelho, pagava 5 réis. Quem vendesse um cabrito, um cordeiro, um leitão, pagava 10 réis. Quem fosse só com uma canastra, e não quizesse tomar o metro quadrado de terreno, pagava um vintem. Mas quem pagasse um metro quadrado de terreno, punha dentro d'elle uma canastra ou duas, dois cestos ou tres, cinco gallinhas ou seis e pagava só o mesmo vintem.

Onde está aqui o imposto vexatorio, iniquo, excessivo, que se dizia?

O que tem graça é que a companhia abusava, fazia quanto queria, e o vendedor a tudo se sujeitava e nem dava pelos abusos, a maior parte das vezes. E agora revoltou-se porque lhe deram um regulamento para acabarem os abusos! E' sempre assim.

O imposto era justo. E só quem, como o auctor d'estas linhas, tem percorrido o paiz todo, sabe quanto elle é justo. Em parte nenhuma as populações ruraes são tão ricas como no concelho de Aveiro e visinhos, mercê das condições excellentes d'esta planicie fertilissima e d'esta ria sem equal. Aqui não ha miseria, póde-se dizer. A miseria, a pobreza afflictiva de tantos outros concelhos do paiz, onde as camadas mais infimas arrastam uma vida desgraçada. Vae a gente a qualquer povoação visinha comprar generos e elles vendem por favor. A's vezes teem as casas cheias de ovos, de feijão, de batata, de gallinhas, e, só para não se incommodarem a dar meia duzia de passos, quando andam nos trabalhos, dizem que não teem nada. E' o que se vê na Gafanha e em muitas outras povoações dos arredores.

E são estes pobresinhos que não podem pagar um vintem por cada metro quadrado de terreno, como pagam os da Figueira, de Castello Branco, de tantas outras terras, onde as populações não só são mais pobres como não estragam o que estas aqui estragam com o transporte dos molicos, que é a ruina não só das estradas como das paredes e muros de casas particulares ou de quintas por onde os carros se roçam!

E' verdade que certos defensores da camara allegam que quem paga o imposto é o consumidor e não o vendedor. Maneira infeliz de defender a camara!

ador. As hortaliças, fructas, etc. obedecem a variações tamanhas, na lei da oferta e da procura, que o imposto nunca pôde recair, ali, sobre o consumidor. Se a praça está cheia de hortaliça a hortaliça é baratíssima, seja o imposto de 10 reis ou seja de 20 reis. Se a hortaliça escasseia, o vendedor afoga logo o comprador, exigindo-lhe uma exorbitancia, seja também o imposto de 10 ou 20 reis.

Quem paga o imposto é o vendedor. E quem o deve pagar é elle mesmo, porque, repetimos, é justo.

Mas, sendo o imposto justo, não sendo, afinal, mais do que aquillo que o vendedor já pagava com os abusos da companhia, sendo destinado a remediar as asneiras que os patriotas não souberam ou não quiseram evitar, em tempo competente, como se explica *tamamha revolta*, como essa que envergonhou a cidade de Aveiro?

E' para ahi que nós chamamos a attenção de todos aquelles que tem amor aos interesses locais e á justiça.

Pómos, de parte os patrioteiros e os brutos. A maioria de Aveiro é, felizmente, constituída por gente intelligente e de bom senso. Pena é que a opinião illustrada nem sempre se imponha a tempo.

A essa nos dirigimos e a essa dizemos que é tempo de acabar com transigencias facéis. Isto vem em desordem ha muito, mercê de vicios de toda a especie.

As ultimas vergonhas prendem-se, intimamente, com os relaxamentos que, no Povo de Aveiro, estávamos já castigando. Os relaxamentos que deram em resultado o assassinato das Olarias, que produzem as vergonhas que, a toda a hora, se ostentam nas ruas da cidade. Em Aveiro não ha policia, não ha espirito de auctoridade, não ha coisa nenhuma.

Isto, aqui, cahiu n'um completo abandono.

E' indispensavel que a primeira auctoridade do districto attenda á esta situação e que tome na devida conta os symptoms alarmantes que apparecem. E convença-se de que só por falta de respeito, de que só pelo habito de não haver ordem nem justiça em Aveiro, vieram á superficie as ultimas vergonhas.

Ha manifestações e manifestações. Ha manifestações filhas d'uma revolta sincera e justa da opinião publica. Essas são respeitaveis, mesmo nos seus desvarios. Ha manifestações a que não preside nenhum espirito de justiça, que não obedecem a nenhuma consideração de ordem superior, que são filhas, apenas, d'uma grande estupidez aliada a uma grande especulação.

Aos attentados commettidos pelos labregos associaram-se varios patriotas da cidade. Mas o que queriam os labregos? Queriam, nem mais, nem menos, render a cidade pela fome. Queriam que se não vendesse pão, nem carne, nem assucar e arroz, nem coisa nenhuma. E a essa pretensão associaram-se varios patriotas e a *ralé*. Ora estes patriotas, ora essa *ralé* pediam uma sova mestra. Nada mais. E não houve, infelizmente, quem lh'a desse. Se não apprendem senão a pau, apprendam a pau.

Os labregos estabeleceram um verdadeiro cerco á cidade. Chegaram a dar passes, na estrada, a quem queria entrar em Aveiro. Só aqui entravam os seus protegidos e amigos. Apprehiendiam vinho, pão, tudo quanto era destinado á alimentação publica. As proprias lavadeiras eram interrogadas sobre as pessoas ás quaes a roupa, que traziam, era destinada.

E não foram corridos e não receberam a lição mestra que mereciam. E havia patriotas que os incitavam.

Pois é tempo da opinião sensata e intelligente de Aveiro acordar. Se deixam estabelecido esse precedente d'aqui a pouco a ci-

dade fica completamente á mercê dos barbaros.

Tenham juizo!

A's auctoridades pedimos, em nome da parte da opinião publica, que representamos, que usem, agora, de toda a energia na descoberta dos *cabeças de motim*, já que não usaram d'ella na occasião precisa.

A população de Aveiro recommendamos que auxiliem a auctoridade, não hesitando em lhe ministrar informações, indícios, esclarecimentos.

Olhem que ficam, de futuro, á mercê dos labregos! Olhem que elles são muito brutos e capazes de tudo! Olhem que brutos d'aquelles não vão senão a mal!

Não confundam aquelles barbaros com as multidões de Aveiro. As multidões em Aveiro tem outro tanto d'intelligencia e de bondade.

Aquelles são estupidos e maus. Cuidado, pois, com elles.

Não tiveram razão nenhuma. Não usaram de processos convenientes. Foram, como sempre, brutos e maus. E fazer causa com elles é pôr em grave risco, de futuro, os interesses da cidade.

Além de que um povo que se preza, um povo culto, não consente nunca mais ficar ás ordens de selvagens.

A's auctoridades pedimos que procedam com toda a energia e isenção.

Aos de Aveiro recommendamos que se acatelem.

Expozemos a questão de forma a justificar plenamente a conducta da camara municipal.

Agora façam o que quiserem. Sua alma, sua palma.

BIBLIOTHECA HORAS ROMANTICAS

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. E' esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovente e assombrosa do seu entreccho e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA

ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,"

Fundada em 1862

EM

Kaiserslautern

são estas as melhores

machinas de costura

A machina PFAFF para costureiras.

A machina PFAFF para alfaiates.

A machina PFAFF para modistas.

A machina PFAFF para sapateiros.

A machina PFAFF para seleiros.

A machina PFAFF para corrieiros.

A machina PFAFF para toda a classe de costura,

desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina PFAFF é sem duvida a rainha

de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.

A prestações e a dinheiro com grandes descontos.

Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.

Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.

Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.

Pedidos a

Jose Maria Simões & Filho

ANADIA - SANGALHOS

75-RUA DE JOSÉ ESTEVÃO-79

AVEIRO

PREÇO 200

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

por

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam affectivamente a alma e scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'ouros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pôde olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

A NOVA PHASE

SOCIALISMO

por JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 128, rua da Prata, 160 LISBOA.

PREÇO 200

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

por

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam affectivamente a alma e scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'ouros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pôde olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

PREÇO 300 réis

Pedidos á Direcção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, ou aos seus correspondentes.

HENRY SIENKIEWICZ

(auctor do «Quo Vadis»)

HANIA

primorosa novella polaca do celebre auctor do «Quo Vadis», «Sem dogmas», «Diluvio», «Sigamol-o!»

Pedidos de cada volume illustrado com uma capa a cores

PREÇO 300 réis

Pedidos á Direcção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, ou aos seus correspondentes.

Vinho de Bucellas

O legitimo vinho de Bucellas so se vende em Aveiro no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe.

CONSULTORIO

DENTARIO

DE

THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º

Aveiro

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

PREÇO 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ALVARO DE MORAES FERREIRA

MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.

Chamadas á qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 12 e 14

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo lão sobejo (Luz. Cam.)

PREÇOS FIXOS

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECCOES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papellaria e mais objectos de escriptorio.

Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças.

Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obre de verga, botadados, tham e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinícola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharías, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B. — Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75-RUA DE JOSÉ ESTEVÃO-79